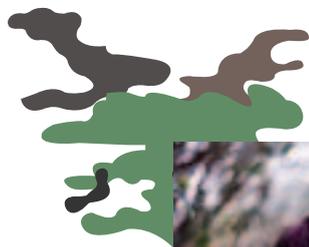


## OS CINQUENTA ANOS DA GUERRA COLONIAL



Pedro Elias

**Margarida Calafate Ribeiro reuniu cerca de 10 mil poemas sobre a Guerra Colonial, “excertos de memória individual contra a falha de memória colectiva”, traça**

continuação da página 11

com o jornalista Neves da Costa, acompanhou a progressão dos militares. Joaquim Furtado sublinha que “a ‘Operação Viriato’ foi uma poucas reportagens sobre a guerra e perscrutora do jornalismo ‘embended’” (jornalista inserido numa coluna militar), uma prática corrente nos nossos dias, por exemplo durante a invasão norte-americana do Iraque, em 2003.

### Uma série para fazer o luto

Para o jornalista existe uma certeza. “A série dá uma visão que não existia e permitiu erradicar certos ‘clichés’ e ideias muito fundadas na propaganda. A visão a preto e branco ficou posta em causa. Afinal, os maus não eram sempre os mesmos”.

O trabalho desenvolvido para a RTP tem tido, também, uma função de catarse colectiva. Entre as inúmeras reacções que recebeu, Joaquim Furtado evoca a de um espectador que comentou que a narrativa jornalística o ajudava a fazer o luto. Outro ponto que chamou a sua atenção foi a ausência de ressentimentos. Pelo contrário, encontrou “uma disponibilidade muito grande das pessoas” para o auxiliarem nesta tarefa de pegar em todas as pontas soltas dos países onde houve guerra – Angola, Moçambique, Guiné-Bissau – para que fizesse um “trabalho de articulação” da história. A via mais difícil mas, assegura, “aquela que melhor servia o projecto”.

O jornalista atribui essa abertura dos interlocutores a dois factores. Um tem a ver com o tempo decorrido entre os acontecimentos e a actualidade. O outro, por ter sido “um conflito entre pessoas que tinham laços”. Esta terá sido uma das razões pela qual Joaquim Furtado “não teve dificuldade nenhuma” em ir aos países onde houve guerra, tendo contado, tanto em Angola como em Moçambique, com a colaboração dos respectivos ministérios dos ex-combatentes, “para localizar pessoas”.

Decorridos 50 anos sobre o início de guerra, tem sido comum assistir a momentos de confraternização entre combatentes que estiveram em campos opostos. “Isso tem a ver com o perfil dos militares, mas também por se terem revoltado [os portugueses] contra a guerra. Há uma aceitação do inimigo porque o 25 de Abril acabou por dar razão àqueles que combatiam contra Portugal”, ajuíza Joaquim Furtado. “Apercebi-me que, nos últimos anos, se começou a falar da guerra de forma menos crispada. Num certo sentido, ouvir as partes aproxima-as. No fundo, somos todos iguais”. **w**

# UMA GUERRA FEITA COM POEMAS

**LÚCIA CRESPO** | crespo@negocios.pt

Não penses que alguém se interessa. (...) Vamos ser os grandes cornos deste tempo. (...) Quem vai querer saber o que se passou aqui. Ninguém vai pôr em causa os brandos costumes, os mortos serão esquecidos, nós próprios faremos por esquecer, mais tarde ninguém contará. (...) A guerra não existe, um dia vais ver que nunca existiu.

(Manuel Alegre, Jornada de África)

São feridas abertas e não cicatrizes. No durante e no depois. Da guerra. No durante, pela questão bélica, e no depois, porque o “eu” fica sem lugar. O “eu” fragmentado dos combatentes e o das suas famílias. Este “eu estilhaçado” sente-se em cerca de 10 mil poemas agrupados por Margarida Calafate Ribeiro, investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e por Roberto Vecchi, da Universidade de Bolonha. Poesia reunida no

âmbito do projecto de investigação “Poesia da Guerra Colonial: Uma Ontologia do ‘Eu’ Estilhaçado”. Excertos de memória contra a falha de memória colectiva.

São poemas de ex-combatentes, mulheres, “desertores”, filhos de guerra. Poesia de autores directa ou indirectamente envolvidos na guerra. Objectivo político? Margarida Calafate Ribeiro responde. Que a memória da Guerra Colonial deixe de estar apenas ligada à geração que o protagonizou, àqueles que, por azar histórico, tiveram de a fazer, mas que seja uma memória colectiva. Combater o divórcio, enfim, entre a memória individual e a memória colectiva. Transformá-la em memória cultural e não “cultural”, no sentido do culto. Objectivo literário? Provar que o tema da Guerra Colonial marcou o cânone da poesia contemporânea portuguesa, aponta a investigadora.



**Título:** cmb (da série confidencial/desclassificado: ração de combate) **2007-2008 | Impressão jacto de tinta sobre papel | 72 x 108 cm**

Ribeiras limpas acudi-me.  
Vou ficar vivo encostado  
a esta memória de trampa.  
Os meus olhos já foram brilhantes.  
Sei fazer alguns versos mas nem sempre.  
Eu narrador me confesso.  
A guerra lixou tudo.

(Fernando Assis Pacheco,  
excerto do poema "O Garrote")

“Estamos a lidar com material humano sangrante e é isso que vemos na memória da poesia da guerra: a desrazão (porque é que eu fui mobilizado?). Por outro lado, a guerra foi um dos momentos mais marcantes da vida dos que combateram, que hoje terão 60 anos. A guerra foi o ‘highlight’ da sua vida, foi o sair de um País cinzento, de missas e procissões e de educação básica, para uma outra coisa. ‘África é em Portugal, não aqui’, diziam senhoras que chegavam a Luanda. A guerra gera uma dinâmica económica que Portugal não tinha. São contradições da guerra”, expressa a investigadora. Tudo isto, angústias e contradições estão expressas em poemas.

São textos que rasgam aquele que foi o silêncio de guerra antes do 25 de Abril e após o 25 de Abril. “Antes do 25 de Abril, não se falava da guerra para que ela não existisse. Tecnicamente Portugal estava numa missão de soberania em África”, traça a inves-

tigadora. No pós 25 de Abril, a guerra continuava sem existir, era como algo quase exterior, até mesmo porque não se passou aqui. É também um silêncio típico do pós-guerra. Todas as sociedades têm 20 anos de luto após uma situação traumática”, aponta. “O ex-combatente é, então, alguém que fica sem lugar: parte para defender a pátria, volta quase como anti-herói. É o logro total”, manifesta. “E muitos voltam com a sensação de terem abandonado África e os africanos, contrariando a ética militar de nunca abandonarem os seus homens, independentemente da cor e da ‘nacionalidade’”, salienta.

Com os poemas escritos durante e após a guerra, Margarida Calafate Ribeiro e sua equipa criaram um arquivo “online” que inclui textos de nomes como Fernando Assis Pacheco, Manuel Alegre, José Bação Leal, mas integrada, igualmente, toda uma poesia popular, publicada nas margens ou em publicações militares. O projecto, que culminará numa antologia da Poesia da Guerra Colonial a ser publicada no final de Abril, inclui um espaço para o canto de intervenção de autores como José Mário Branco, Luís Cília, Sérgio Godinho, mas também guarda espaço para a canção popular, para os cancioneiros de guerra, como o Cancioneiro do Niassa e o ainda incipiente “rock” português.

Chega-te a mim  
mais perto da lareira  
vou-te contar  
a história verdadeira

A guerra deu na tv  
foi na retrospectiva  
corpo dormente em carne viva  
revi p’ra mim o cheio aceso  
dos sítios tão remotos  
e do corpo ileso  
vou-te mostrar as fotos  
olha o meu corpo ileso

Olha esta foto, eu aqui  
era novo e inocente  
“às suas ordens, meu tenente!”  
E assim me vi no breu do mato  
altivo e folgazão  
ou para ser mais exacto  
saudoso de outro chão  
não se vê no retrato

(Sérgio Godinho, Fotos do Fogo)

Nos anos 80, com o “rock” português, há músicos que retomam o tema da guerra. Como os Delfins, com “Aquele Inverno”, ou Rui Veloso, com “O Arménio (O Trolha da Areosa)”, exemplifica Margarida Calafate Ribeiro.

Arménio, era um trolha da Areosa  
Que tinha, um par de olhinhos azuis  
Que quando, me fixavam no baile  
Me deixavam, indefesa e tão nervosa

Arménio, tenho nas minhas gavetas  
Aerogramas, cheios de erros de ortografia  
Perfumados, entra as minhas meias pretas  
Aqueles que te punham, num estado de euforia

Arménio, fui tua madrinha de guerra  
Rezei por ti, longas novenas sem fim  
Para voltares, inteirinho e sem mazelas  
E tu lá ficaste, tão perdido no capim

Arménio, quantos sonhos e planos  
Prometeste, que me levavas a Lisboa-o-o-o-o-a  
Em Junho, no dia dos meus anos  
Bem sabes que a memória é um atributo dos gémeos.

Música: Rui Veloso; Letra: Carlos Tê. **w**

## AS OUTRAS NOTÍCIAS

### 28 de Fevereiro

Curso de gestão de “stocks” promovido pelo centro de estudos do Sindicato de Empregados de Escritório

Cinema “Lábios Pintados” que hoje estreia no São Luiz e Alvalade, é uma obra marcante da moderna cinematografia italiana.

### MARÇO DE 1961

no “Diário Popular”

#### 1 de Março

Nos Salões da sede do Sporting Club de Portugal, grandioso baile da Micareme, abrilhantado pela magnífica orquestra de João Queimado com Pepe Cardinali.

Politeama “Esther e o Rei”, uma super produção de grande espectáculo.

#### 3 de Março

Discutida a admissão da China comunista nas Nações Unidas.

Banda de Música da GNR no Quartel do Carmo.

Olga Prats no Móbil Clube.

Jovem pianista Rosana Maria Marins no Monumental.

Comemoração do 158º aniversário do Colégio Militar.

#### 4 de Março

Maxime apresenta hoje em estreia um novo e extraordinário espectáculo de Szobel, o famoso show “Folies Wien 1961”.

#### 7 de Março

O novo Doutor em Medicina - o Dr. José Luís Pulido Valente.

Elisabeth Taylor continua em estado grave.

#### 8 de Março

Ciclo “Os grandes romances de amor” no Cinema Politeama.

“O Doutor Apaixonado”, comédia no São Jorge.

#### 11 de Março

51 casamentos populares na manhã de Santo António e no dia de São João.

#### 12 de Março

Futebol internacional militar; Equipa portuguesa derrotada pela da França (0-3) foi eliminada do torneio.

#### 13 de Março

“A verdade”, no Tivoli, com Brigitte Bardot.

#### 15 de Março

Actriz inglesa Belinda Lee morreu de acidente de viação.

“Quando explodem as paixões”, no Império.

“Joselito”, no Odeon.

#### 16 de Março

Campo Pequeno, Domingo, 19, extraordinária novilhada popular com sete novilhos puros da acreditada ganadaria dos Irmãos Neto.

O Teatro São Carlos apresenta ópera “O Barbeiro de Sevilha”. **w**

